

Brasil Histórico 18

LONDRINA

Paraná

A nova cidade que surgia no norte do Paraná recebeu o nome de Londrina como uma justa homenagem à terra de seus fundadores.

O crescimento vertiginoso de Londrina é ainda hoje um exemplo e um estímulo para todos nós, brasileiros.

O Banco Safra, congratulando-se com a população londrinense, quer hoje participar e contribuir para o desenvolvimento de todo o norte paranaense, como já o faz em todo o território nacional.



Vista parcial de Londrina em 1934.



Banco Safra SA

Tradição Secular de Segurança

Avenida Paraná, 181 - Telefone: 23-7050
Londrina / Paraná



O Café e a terra roxa do norte do Paraná

Originário da Arábia e da Etiópia, o café chegou ao Brasil, no início do século XVIII. Foi trazido pelo comerciante Francisco de Mello Palheta, de Belém do Pará, que o recebeu como presente da esposa do governador da Guiana Francesa.

A cultura do café logo se disseminou pelo litoral do Nordeste e atingiu os estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Foi introduzido em São Paulo através do vale do Rio Paraíba e, até o início do século XIX, foi apenas de consumo caseiro, prazer e elegância nas mesas dos ricos fazendeiros, que seguiam os costumes e a moda europeia.

O café como atividade econômica teve seu início a partir de 1820, quando a produção da cana-de-açúcar, o algodão, o couro, o fumo e a pecuária já haviam declinado. Consumido largamente na Europa e nos Estados Unidos, tornou-se rapidamente importante produto de exportação brasileira e, em 1850, já equivalia a 40% de nossas exportações, suplantando assim o açúcar e o algodão.

Expandiu-se pelo Estado de São Paulo, onde obteve excelentes resultados e congregou fatores favoráveis de ordem climática e de solo, favoreceu à constituição de uma infra-estrutura urbana-industrial da região com o desenvolvimento do setor financeiro e de serviços.

O café, penetrando por Campinas, estendeu-se pelas terras roxas, atingindo o Norte e o Oeste da Província Paulista.

Dilatando suas áreas de cultivo, expandiu-se no início do século pelo oeste de São Paulo e norte do Paraná, onde desbravando sertões em busca da preciosa terra roxa, os novos bandeirantes se aventuravam abrindo novas fazendas.

Paralelo ao plantio, foram abertas importantes linhas férreas para o transporte da produção e, desenvolvido o comércio nos portos. Em 1908, a ferrovia já atingia a cidade de Ourinhos (SP). A extensão desta linha para o Paraná seria de grande importância para a expansão do café e, assim um grupo de fazendeiros liderados pelo Major Barboza Ferraz propuseram-se, por iniciativa privada, prolongar os trilhos da Sorocabana. Fundaram a Estrada de Ferro Noroeste do Paraná, mais tarde alterado o nome para Companhia Ferroviária

São Paulo-Paraná. O primeiro trecho planejado teria a extensão de 29 Km, ligando Ourinhos a Cambará, mas as obras eram morosas e exigiam grandes investimentos.

No início da década de 20, o norte do Paraná era ainda região agreste, quase inacessível, de florestas exuberantes, onde alguns poucos pioneiros da colonização haviam se estabelecido.

A Companhia de Terras Norte do Paraná e a fundação da cidade

Em 1924, o fato marcante para o desenvolvimento da região norte do Paraná foi a visita de Lord Lovat ao Brasil, que veio como técnico em agricultura e florestamento, da missão inglesa chefiada por Lord Montagu. Os ingleses estavam interessados em investir no Brasil, principalmente, na aquisição de terras para cultivo do algodão.

Lord Lovat foi a São Paulo e viajou por várias regiões paulistas chegando até o norte do Paraná, onde visitou a fazenda de 1.000.000 de pés de café do Major Barboza Ferraz. Entusiasmado com a fertilidade do solo e as possibilidades de desenvolvimento da região, foi acertada a constituição de uma companhia com capital inglês inicial de 1.000 contos de réis, fundando-se assim a Companhia de Terras Norte do Paraná, em 24 de setembro de 1925, que teve como representantes no Brasil Arthur Thomaz e os advogados João Sampaio e Antônio Moraes Barros. Adquiriram cerca de 500.000 alqueires de terras pela quantia de 8.712 contos de réis diretamente do governo do Paraná.

Em 1928, a Companhia, cujo objetivo inicial era o cultivo do algodão, voltou-se para a colonização das terras adquiridas na margem esquerda do Paranapanema, entre os rios Tibagi e Ivaí. Comprando também as ações da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná foi o início do prolongamento dos trilhos da ferrovia para além de Cambará.

Em 18 de agosto de 1929, um grupo de homens formado por George Craig Smith, Alberto Loureiro, o agrimensor Alex Ruzguleff e alguns peões partiam para o reconhecimento e a repartição das terras fertilíssimas da Companhia de Terras Norte do Paraná, e estabeleceram o primeiro marco em 21 de agosto

de 1929. Foi este o primeiro passo para a fundação de Londrina, então conhecida como Patrimônio Três Bocas, num projeto ambicioso de colonização feita por empresa privada.

Em dezembro deste mesmo ano chegava a primeira caravana de compradores de terras da Companhia, eram oito japoneses trazidos por Hikomo Udihara.

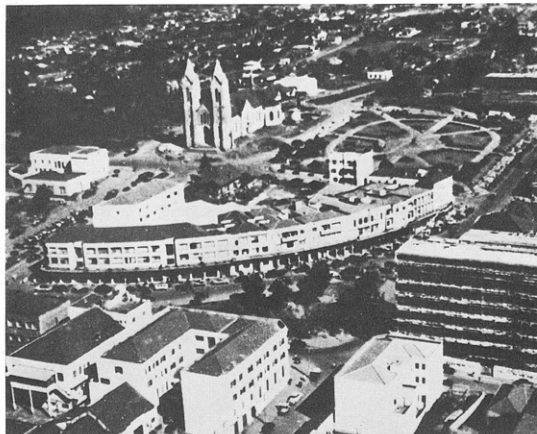
Foi construído o primeiro hotel campestre e o armazém da Companhia de Terras e, em 1930, foi construída a estrada de rodagem entre Jataí e o Patrimônio Três Bocas, já então conhecido como Patrimônio de Londrina.

Nesta época, devido à Revolução, as vendas de terras foram fracas, mas já havia a primeira casa "de madeira" de Londrina, construída por Albert Koch.

Em 1932, as vendas se multiplicaram, vindo principalmente compradores alemães, italianos, japoneses e brasileiros. Em maio daquele ano foram inauguradas a estação ferroviária de Jataí e a primeira linha telefônica.

Em Londrina já havia cerca de 150 casas construídas, sendo que no ano seguinte atingia o número de 396, o que bem mostrava a rapidez do crescimento da região.

Em 03 de dezembro de 1934 foi criado o Município de Londrina pelo Decreto Estadual n.º 2519, considerada data da fundação da cidade e a data de instalação oficial do município se deu no dia 10 de dezembro de 1934, com a posse do primeiro prefeito.



Vista parcial do centro de Londrina em 1951. Foto acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss, Universidade Estadual de Londrina.

A Agricultura e o início da urbanização

A Companhia adotou diretrizes urbanísticas para a criação das cidades, que seriam demarcadas de cem em cem quilômetros, originando-se assim Maringá, Cianorte, Umuarama e outras. Os patrimônios e centros comerciais e de abastecimento distariam 10 a 15 quilômetros um do outro e as áreas urbanas seriam divididas em "datas" residenciais e comerciais.

Ao redor das cidades seriam criados os "cinturões verdes", com a formação de chácaras para produção de gêneros alimentícios de consumo local: aves, ovos, frutas, hortaliças e legumes.

A área rural seria servida por estradas vicinais e a divisão da terra, em lotes de 10 a 20 alqueires, com acesso a estas vias. Poderiam ser plantadas cerca de 1500 pés de café por alqueire nas partes altas e nas baixadas se desenvolveriam outras culturas como arroz, milho, feijão, legumes e frutas, além da criação de animais. O café produzido pelos pequenos proprietários seria comercializado através do Patrimônio.

Durante a II Grande Guerra (1942) a Companhia foi vendida a um grupo de brasileiros tendo à frente Gastão de Mesquita Filho e Gastão Vidigal. A Companhia mudava seu nome para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Foram mantidas as diretrizes anteriores.

Na década de 50 houve apoio para iniciativas que beneficiassem a coletividade e, para tanto, criaram-se condições especiais de compra de áreas urbanas para instalação de indústrias, hospitais e escolas. Os poderes públicos receberam graciosamente terrenos para suas construções.

Era também o início da diversificação das atividades da Companhia e com projetos agropecuários e industriais: energia elétrica, produção de cimento, metalurgia e produção de açúcar.

A grande geada de 1955 abalou a cafeicultura do norte do Paraná, mas favoreceu ainda mais a diversificação da agricultura e também o desenvolvimento da pecuária de corte, com a formação de extensas pastagens e a intensificação da extração e beneficiamento da madeira, e plantação de "rami".

Em 1971, foi iniciada a produção piloto de sementes de amendoim e milho híbrido, e no ano seguinte, a produção de sementes de trigo e soja, com aperfeiçoamento das técnicas agrícolas.



Londrina em 1934: Avenida Paraná e Rua Maranhão. Foto acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss, Universidade Estadual de Londrina.



Avenida Paraná na década de 1940. Foto acervo Museu Histórico Pe. Carlos Weiss, Universidade Estadual de Londrina.



Calçadão central. Foto Daniel Martinon, 1983.



Catedral de Londrina. Foto Daniel Martinon, 1983.



Calçadão central. Foto Daniel Martinon, 1983.



Visão central de Londrina. Foto Daniel Martinon, 1983.

Londrina, hoje: pólo de desenvolvimento da região

Iniciada nos anos 50 e intensificada nas duas décadas seguintes, a nova configuração urbana de Londrina deu-se com a expansão e verticalização da cidade, ligada principalmente à riqueza proveniente do café.

Os edifícios Salim Sãhõ e Santo Antônio foram financiados por fazendeiros, que transferiram suas residências para a cidade ou mesmo, destinavam os lucros da cafeicultura, investindo em terras ou em apartamentos. Profissionais liberais foram atraídos para a cidade que crescia, e a diversificação social resultante mudaria os padrões de urbanização.

O crescimento atingiu a periferia, onde surgiram bairros novos e residenciais, destinados principalmente para habitação das camadas médias e altas, e assim foram criados os bairros de Shangri-lá e Jardim Quebec.

O centro foi gradativamente cedendo espaço para o desenvolvimento de atividades comerciais sendo ampliados também outros setores das atividades terciárias: diversificação do comércio, instalação de bancos, escritórios, clínicas, botiques de luxo, etc. Restaram apenas algumas "datas" da antiga Companhia de Terras, e uma ou outra casa de madeira sustentada por pilotis, as chamadas casas "de-material" dos primeiros tempos.

Com a modernização de Londrina, que ganhou feições cosmopolitas, foi dada ênfase à criação de praças, jardins e a implantação dos "calçadões".

A expansão da cidade estendeu-se principalmente no sentido oeste e sudoeste. Na área comercial está localizada a nova rodoviária e o COM — Tour, primeiro Shopping Center Regional do país. Com a construção do novo centro administrativo, e a mudança da variante ferroviária do centro possibilitou-se a expansão da área central, e está sendo implantado o sistema de transportes de massa que ligará as principais vias. Está previsto também, em projetos de desenvolvimento da cidade, a construção de conjuntos habitacionais populares, pois Londrina já sofreu os efeitos da modernização rápida — o surgimento das favelas e a demanda de serviços de infra-estrutura urbana. Londrina é um dos três principais pólos industriais do Estado, destacando-se as fábricas de produtos alimentícios, mobiliário, metalurgia, indústrias de beneficiamento e transformação, etc. Na estrutura econômica atual, ainda predomina a agricultura e, em especial, a cafeicultura, mas a diversificação deste setor, ressalta a importância das culturas de feijão, milho, soja, trigo, e arroz. A pecuária e a avicultura são também relevantes para a economia da região.

A cidade hoje, sediando a micro-região homogênea conhecida como "Norte Novo de Londrina", desempenha o papel de pólo regional e sua área de influência se estende além do norte do Estado, avançando a oeste, e nas regiões sul de Mato Grosso do Sul, e sudoeste de São Paulo.